

# As desbravadoras

**Sob o véu da invisibilidade.** Elas não puseram as mãos no cimento literalmente, mas construíram a capital de muitas outras maneiras. Uma exposição histórica no Museu dos Correios leva os brasilienses a uma viagem no tempo para dentro da vida das pioneiras

Juscelino Kubitschek sonhou com a nova capital. Lúcio Costa planejou a cidade do futuro. Oscar Niemeyer concebeu as curvas de seus prédios. Athos Bulcão decorou suas paredes, e Burle Marx, seus jardins. Israel Pinheiro a administrou. Darcy Ribeiro a fez mais intelectual.

Há algo de errado nessa história? A pesquisadora Tânia Fontenele achou que sim. E o pecado mora aqui: a história é contada só com personagens masculinos.

Tânia, uma das primeiras mulheres a nascer na nova capital, queria mostrar que elas também tiveram papel relevante nessa saga, mesmo que escondidas sob o manto do machismo. Entrevistou cerca de 50 mulheres pioneiras

na capital e descobriu não só como elas viviam no período entre 1956 e 1970, mas como deram sua parcela na construção de Brasília.

O resultado de sua pesquisa está exposto, a partir de hoje, no Museu dos Correios. São fotografias, objetos, cartas e vestimentas que faziam parte de seu cotidiano. Como em um túnel do tempo, o espectador pode entrar em seus ambientes de trabalho e suas casas e conhecer um pouco mais da história que ninguém contou ainda.

Aqui, o Metro revela alguns detalhes sobre essas primeiras candangas.



**NANA QUEIROZ**  
METRO BRASÍLIA



Mulheres modernas: trabalhadora  
posa diante de seu carro

FOTOS: ARQUIVO PÚBLICO DO DF



Orgulhosas de Brasília, mulheres  
posam diante de maquete de engenheiros



Exposição leva a uma viagem por  
uma casa da década de 1960

RICARDO MARQUES/METRO BRASÍLIA



Mulheres passeiam pela Brasília dos anos 1960: elas tinham  
as mesmas atividades de lazer que os homens

## À frente de seu tempo

As mulheres que vinham para Brasília tinham uma característica em comum: eram exploradoras e um tanto aventureiras. Chegavam como brasileiras comuns, mas logo se diferenciavam das mulheres do restante do país. Segundo Tânia, a maioria delas trabalhava, dividia as tarefas domésticas com os maridos e tinha independência financeira. “Muitas delas eram concursadas e ganhavam salários maiores do que as profissionais de suas cidades natais. E Simone de Beauvoir já dizia que é na independência econômica que nasce a emancipação feminina.”

## As prostitutas

Nos primórdios de Brasília, todo operário solteiro ou sem a família sabia onde encontrar conforto: era só passar a “Placa da Mercedes”, onde hoje é o Riacho Fundo, para descansar nos braços de uma prostituta. Tânia descobriu que não só elas vieram de todos os cantos do Brasil, mas de vários outros países, como EUA, China, Itália, Japão, entre outros. “Naquela época, a capital era um local muito solitário. Eram elas que aplacavam a solidão dos operários”, explica Tânia.

## Mão na massa?

Tânia não encontrou nenhum relato de mulheres que trabalhassem diretamente nas construções. Elas estavam muito envolvidas com o canteiro de obras, no entanto. Eram atendentes de cantinas, professoras dos filhos dos operários e enfermeiras e médicas que atendiam aqueles que adoeciam ou se feriam nas obras.

## Há espaço para as mulheres entre os mitos?

Se os brasilienses quiserem cultivar suas heroínas, há pelo menos 11 fortes candidatas. A primeira delas é Neusa França, compositora do hino de Brasília. “Ela foi professora de piano de Brasília inteira, era uma mulher notável”, afirma Tânia. É difícil não lembrar também das 10 mulheres que se organizaram para lutar pela permanência do acampamento de operários que depois se tornou a Vila Planalto. “A Vila Planalto só existe hoje graças a elas”, opina Tânia. “De toda forma, eleger apenas uma (para se tornar mito) seria leviano.”